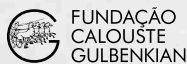


16.17
MAIO
2019

Programa

**II Colóquio
Internacional**

**Sophia
de Mello
Breyner
Andresen**



APOIO





PROGRAMA

II Colóquio
Internacional

**Sophia
de Mello
Breyner
Andresen**

QUI. 16 MAIO

AUDITÓRIO 2 FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

9h30 Abertura

Guilherme d'Oliveira Martins
Maria Andresen de Sousa Tavares
Fernando Cabral Martins
Augusto Santos Silva
(Ministro dos Negócios Estrangeiros)

10h00 Mesa-redonda 1

O ESPAÇO

Eucanãa Ferraz
Frederico Lourenço
Fátima Freitas Morna (moderadora)

11h15 Pausa café

11h30 Painel I

Adília Lopes
Adília sobre Sophia

Silvina Rodrigues Lopes
Breve, preciso, indefinido – o apelo

Helder Macedo
O rapaz de bronze no tempo dividido

Helmut Siepmann
**“O caminho para a minha casa” –
processo poético e finalidade existencial
na obra de Sophia**

Carlos Mendes de Sousa
**Poesia e realidade: a prosa de
Sophia de Mello Breyner Andresen**

Eucanãa Ferraz (moderador)

13h00 Pausa para almoço

14h30 Painel II

Pedro Eiras

**Encantamentos: entre Sophia de Mello
Breyner Andresen e Cristina Campo**

Anna Klobucka

**Sophia e os cem anos da poesia
de autoria feminina em Portugal**

Cláudia Pazos-Alonso

**Nas entrelinhas do texto:
pensar a questão da autoria
feminina em Sophia**

Paola Poma

**Sophia e Szymborska:
o fio de linho da palavra**

Maria Lúcia Dal Farra

Sophia Poetisa

Joana Matos Frias (moderadora)

16h00 Pausa café

16h15 Mesa-redonda 2

OS OUTROS POETAS

Richard Zenith

Federico Bertolazzi

Paula Morão

Fernando Cabral Martins (moderador)

18h00 Fim do 1º dia

SEX. 17 MAIO

AUDITÓRIO 2 FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

9h30 Mesa-redonda 3

A POLÍTICA

Guilherme d'Oliveira Martins
José Manuel dos Santos
José António Pinto Ribeiro
Ana Luísa Amaral (moderadora)

11h00 Pausa café

11h15 Painel III

José Pedro Serra
A Grécia: nudez e revelação poética

Filipa Soares
**Sophia: obra traduzida e receção
na imprensa espanhola**

Joana Matos Frias
***Did you say Byron or Breyner?:
falas e falácias românticas***

Jorge Fernandes da Silveira
"Brasília" – o poema – revisitado

Fernando J. B. Martinho
A Dinamarca de Sophia

Federico Bertolazzi (moderador)

13h00 Pausa para almoço

15h00 Painel IV

*Com a presença de Sua Excelência
o Presidente da República*

Perfecto Cuadrado
**Mário Cesariny leitor de Sophia
de Mello Breyner Andresen**

Emília Pinto de Almeida
**A veemência do visível.
Para uma leitura do “diáfano”
na poesia de Sophia**

Pedro Lopes de Almeida
**Geografias de Sophia: paisagem,
viagem e deslocamento**

Sofia Sousa Silva
Projeto: derivações e deriva

Gustavo Rubim
A expiração essencial

Carlos Mendes de Sousa (moderador)

16h30 Pausa café

16h45 Mesa-redonda 4

ARTE E POÉTICA

João Queiroz
Maria Filomena Molder
Rosa Maria Martelo
Maria Andresen de Sousa Tavares (moderadora)

18h30 Encerramento

Maria Andresen de Sousa Tavares
Guilherme d'Oliveira Martins
Maria Calado
Graça Fonseca (*Ministra da Cultura*)



RESUMOS DAS INTERVENÇÕES

II Colóquio
Internacional

**Sophia
de Mello
Breyner
Andresen**

Aos resumos das intervenções nem sempre foram aplicadas as regras do Acordo Ortográfico, tendo sido deixado ao critério dos seus autores a escolha da grafia.

Adília Lopes

ADÍLIA SOBRE SOPHIA

“Aos 17 anos descobri o poema ‘No poema’, de *Livro Sexto*. O mundo do poema é limpo e rigoroso. Nada de coisas farfalhudas, nada de aldrabices. Como estudava física, vi também que o poema desentropia. Preserva da decadência, morte e ruína.”

Anna M. Klobucka

SOPHIA E OS CEM ANOS DA POESIA DE AUTORIA FEMININA EM PORTUGAL

Sophia de Mello Breyner Andresen ocupa um lugar singular na história da autoria literária feminina em Portugal, como a autora cuja “precoce aparição no (...) mundo de masculinos e altos combatentes” (Eduardo Lourenço) das letras portuguesas nos meados do século vinte marca um momento particularmente saliente no processo da gradual desguetização da poesia escrita por mulheres. A presente comunicação procurará perscrutar o século decorrido desde o nascimento da autora com o objetivo de identificar alguns pontos e trajetos relevantes ao longo deste processo histórico, nomeadamente no que diz respeito aos elementos eventualmente articuláveis com as características do perfil único de Sophia e da inscrição da sua produção poética no cânone literário português.

Carlos Mendes de Sousa

“POESIA E REALIDADE”: A PROSA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Pretendo apresentar uma leitura da prosa ficcional de Sophia, em diálogo com a poesia e o teatro da autora, procurando assinalar alguns traços que confirmam o extremo sentido de unidade da obra. Os ritmos e as tramas narrativas, as imagens, os temas e os motivos configuram um universo que é a esplendorosa dicção de uma existência que persegue, sem concessões o lugar onde “o ser e a Realidade estão indissolúvelmente unidos”.

Cláudia Pazos-Alonso

NAS ENTRELINHAS DO TEXTO: PENSAR A QUESTÃO DA AUTORIA FEMININA EM SOPHIA

Salvo raras exceções, nomeadamente o pioneiro trabalho desenvolvido por Anna Klobucka em *O Formato Mulher*, até aos dias de hoje a crítica pouca ou nenhuma atenção tem prestado a uma problemática que no entanto perpassa na sua generalidade a obra de Sophia: estou a referir-me às condições materiais que possibilitam e regulam a autoria feminina.

Para deslindar esta delicada questão, esta comunicação propõe-se em primeiro lugar desvendar algumas das estratégias adotadas por Sophia, muitas delas seguramente inconscientes, ao cultivar uma noção de génio que lhe permitiu posicionar-se como poeta e não poetisa. A tal posicionamento porventura não serão alheios alguns condicionalismos contextuais como a polémica moralizante que deflagrou no Porto em relação a Florbela Espanca justamente na década de 40, altura em que Sophia publicava a sua primeira coletânea. Estas estratégias de escrita, desde a utilização ao longo da sua lírica de um falso neutro – o masculino com sentido genérico, que não por acaso foi uma tática pela qual Cecília Meireles também optou –, até a uma cuidadosa estruturação do volume *Contos Exemplares*, contribuíram em larga medida para fomentar uma série de leituras críticas, sem dúvida muito pertinentes, que incidem sobre o teor universal da produção da autora de *Grades*. Contudo, a questão da autoria feminina não é de todo displicente num contexto em que o peso cultural do domínio masculino paulatinamente continuava a prevalecer. Por conseguinte, num segundo momento, indagaremos até que ponto a lírica de Sophia se encontra discretamente atravessada pela presença de figuras femininas, sejam elas de cariz mitológico ou exemplar. A nossa análise também convoca alguns dos contos, nomeadamente os quatro casos onde a subjetividade de uma narradora na primeira pessoa se impõe no seio de *Contos Exemplares*, e ainda o notável 'O Silêncio', texto igualmente produzido na década de 60.

Emília Pinto de Almeida

A VEEMÊNCIA DO VISÍVEL. PARA UMA LEITURA DO “DIÁFANO” NA POESIA DE SOPHIA

Num dos dois textos em prosa que integram o *Livro Sexto* (1962), Sophia de Mello Breyner explica: “O meu olhar tornou-se liso como um vidro. Sirvo para que as coisas se vejam”. Próxima da concepção aristotélica de “diáfano” – meio sem nome e sem espessura que permeia tudo quanto existe e é condição da própria possibilidade de ver –, a autora identifica assim o rigoroso olhar que invariavelmente associamos à sua poesia: um “olhar que busca (...) o surgir do mundo, o emergir do visível e da visão”, conforme mais tarde, em “Landgrave ou Maria Helena Vieira da Silva”, adianta (*Ilhas*, 1989). Explorando a proximidade assinalada, procurar-se-á mostrar até que ponto a convocação do conceito de Aristóteles se justifica ao equacionarmos o gesto poético de Sophia, fiel seguidora dos gregos e da sua obstinada atenção ao “aparecer das coisas” (*O Nu na Antiguidade Clássica*, 1978).

Fernando J. B. Martinho

A DINAMARCA DE SOPHIA

Em 2001, Sophia publicou, em *Memória dos Afectos: Homenagem da Cultura Portuguesa a Giuseppe Tavani*, “Elsinore”, que passou a figurar entre os «poemas dispersos» da edição da sua *Obra Poética*. A leitura deste texto constituirá o ponto nodal da minha comunicação. Dada a importância atribuída pela autora às suas origens dinamarquesas, e que o seu apelido testemunha, o trabalho de análise que, aqui, se propõe, não deixará de entrar também em linha de conta com dois dos seus textos narrativos de índole diferente, *O Cavaleiro da Dinamarca* (1ª ed. 1964) e “Saga”, de título bem ilustrativo, incluído em *Histórias da Terra e do Mar* (1ª ed. 1984) e com a tradução que efectuou do *Hamlet*, de Shakespeare (1ª ed., 1987). Ao mesmo tempo, tendo em atenção a amizade que ligou os dois poetas e a circunstância de partilharem o centenário do nascimento, debruçar-me-ei igualmente sobre o poema de Jorge de Sena “Helsinghør”, de *Exorcismos* (1972).

Filipa Soares

SOPHIA: OBRA TRADUZIDA E RECEÇÃO NA IMPRENSA ESPANHOLA

Em 2003, Sophia de Mello Breyner Andresen recebeu o Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-americana. A imprensa espanhola ressaltou de forma unânime a importância da sua obra poética no contexto literário português do século XX, manifestando igualmente a universalidade da sua escrita, materializada na clareza, na beleza e na liberdade da forma e do conteúdo.

Adotando uma análise diacrónica, balizada cronologicamente entre 2003 e 2013, pretende-se com este trabalho dar a conhecer parte da investigação em curso sobre a receção da vida e obra de Sophia na imprensa espanhola, bem como o levantamento das obras da autora traduzidas para castelhano.

Helder Macedo

O RAPAZ DE BRONZE NO TEMPO DIVIDIDO

Classificado como um “conto para crianças”, *O Rapaz de Bronze*, primeiro publicado em 1965, adquire uma dimensão mais ampla quando tematicamente relacionado com a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, tanto em termos de crítica social quanto, e sobretudo, de nostalgia adulta por uma totalidade perdida, como já manifestada nos poemas de *No Tempo Dividido*, de 1954, e amplificada em obras subsequentes.

Helmut Siepmann

O CAMINHO PARA A MINHA CASA – PROCESSO POÉTICO E FINALIDADE EXISTENCIAL

Forma e conteúdo constituem a unidade do poema: conteúdo é forma, forma é conteúdo. Nesta exposição discutem-se duas problemáticas da obra de Sophia de Mello Breyner: o significado cultural e existencial do mar e do “estar no caminho”, e o nascer do poema, o conceito de poesia como processo evolutivo que parte de palavras preexistentes, as quais servem como palimpsesto ao

texto poético da autora: “*Através de todas as presenças / Caminho para a única unidade*”. O ‘calar hermético’ pode ser compensado por indícios que remetem para textos conhecidos do leitor. A prosa da autora dá importantes indicações em relação ao seu conceito do ser. Estas podem-se depreender de posições antagónicas, tais como visão e desilusão, encontro – desencontro, desejo cumprido e desejo fracassado, que descrevem a vida como um “navio naufragado” na expectativa da morte.

Joana Matos Frias

DID YOU SAY BYRON OR BREYNER?: FALAS E FALÁCIAS ROMÂNTICAS

Por uma razão figural de ordem metonímica ou antonomástica, a leitura de um conhecido poema de *Ilhas* (1989) parece autorizar o reconhecimento de que, para Sophia, «escrita» equivale a «Lord Byron». O célebre filo-helenismo do poeta inglês – decerto do agrado da escritora – não é porém critério suficiente, ou sequer adequado, para esclarecer os motivos de tal proposta, sendo igualmente pernicioso tentar obter essa clarificação com base numa nova metonímia, segundo a qual «Lord Byron» significaria «Romantismo». Tratar-se-á, portanto, de testar a validade da interpretação depois de retirada a rede que poderia ampará-la na queda – porque também a interpretação, como a poeta, após cada queda caminha para a vida.

Jorge Fernandes da Silveira

“BRASÍLIA” – O POEMA – REVISITADO

Partindo da reescrita de versos, de publicações recentes sobre os fundadores da nova capital brasileira e dos atuais políticos que a governam, considerar “Brasília”, o poema, à maneira de Sophia de Mello Breyner Andresen, uma forma justa de articular o público e o poemático, num espaço onde a lógica das ideias e a eleição dos afetos levantam, em linhas concertadas, estrofes à medida entre a ação política e o trabalho poético, em termos de civilidade necessária à “utilidade lírica” (Sophia da Silva Telles); considerar o “plano piloto” do poema, escrito num voo de Brasília

a Belo Horizonte, como um modo de através da arquitetura brasileira visitar “o nome das coisas”, o cânone clássico, fora do lugar, em jubiloso progresso entre o vernáculo colonial português e a moderno brasileiro; visitar, “Brasília”, o poema, considerado, hoje, em tempos sombrios, em termos míticos, babilônicos, pós-utópicos.

José Pedro Serra

A GRÉCIA: NUDEZ E REVELAÇÃO POÉTICA

Remetendo implicitamente para o texto *O Nu na Antiguidade Clássica*, procurar-se-á pensar o modo mediante o qual a Grécia imaginada forjou e marcou a compreensão poética da realidade não tanto em termos de uma influência externa, histórica ou erudita, mas como comunhão interior que define os contornos e marca o ritmo de uma revelação.

Maria Lúcia Dal Farra

SOPHIA POETISA

A respeito de Florbela Espanca, não deixa de destacar Natália Correia que não a toma como uma “poeta”, mas sim como uma “poetisa”, uma vez que “a homenagem que distingue o génio poético feminino com o prémio de lhe masculinizar o estro ultraja uma poesia que quer feminizar o mundo com a magia da sua claridade lunar.” (“Prefácio” à 1ª. ed. do *Diário do Último Ano*, p. 11). Acerca de Florbela, disso não se pode duvidar. Mas a propósito de Sophia? Aonde se encontram os indícios dessa condição que, de propósito (tal como em Cecília Meireles), ela parece se empenhar em não permitir deixar ressoar num trabalho que, afinal, traz a digital de uma mulher?

No entanto, ao longo da sua *Obra Poética*, ela canta “nua no interior” de cada coisa, ela quer “ser tudo” (a “única unidade”), enquanto o poema pede-lhe a “inteireza do ser”, enquanto ela se dá conta de que “a nossa vida é como um vestido que não cresceu conosco”. Sophia também encarna uma galeria de mulheres - Simonetta Vespucci, Cassandra, Sibila, Ifigénia, Antígona, Electra, Penélope, Eurydice, Medeia, Hécate, as Nereidas, as Fúrias,

a Musa, a Princesa Desconhecida, Isabel de Portugal, Helena Lanari, Maria Helena Vieira da Silva, Catarina Eufémia, as Mulheres à Beira-Mar. Ela funda a casa e os quartos; habita a terra e o mar; os jardins, a água, as grutas, as fontes; a Palavra, a Escrita - a Poesia.

O presente estudo pretende se ocupar desse preciso teor na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Paola Poma

SOPHIA E SZYMBORSKA: O FIO DE LINHO DA PALAVRA

Esta comunicação pretende aproximar a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen à poesia de Wislawa Szymborska. Nascidas na primeira metade do século XX e oriundas de países periféricos no quadro europeu – Portugal e Polónia - , impressiona o modo como ambas construíram uma linguagem clara e objetiva, criando uma espécie de receptividade benfazeja no leitor, ao mesmo tempo em que exigem dele uma atenção mais apurada para o diálogo fecundo que estabelecem com a história, os mitos literários, a política, o teatro e as artes plásticas.

Por outro lado, é possível assinalar até mesmo nas diferenças profundas afinidades de base. Se em Sophia o fio condutor dos seus poemas é um lirismo construtor e reflexivo, no caso de Szymborska é o lirismo irônico e crítico que comanda a tessitura dos seus versos. Para ambas a reflexão poética incorpora uma atividade crítica, uma postura intelectual que representa o que há de melhor na cultura europeia moderna.

Pedro Eiras

ENCANTAMENTOS: ENTRE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN E CRISTINA CAMPO

No livro *Os Imperdoáveis*, Cristina Campo relê diversos contos populares italianos a partir de uma matriz teológica: sob o encadeamento de ações seculares, o conto descreve uma experiência transcendente, uma iniciação da alma no erro e na redenção. Em *Histórias da Terra e do Mar*, por outro lado, Sophia de Mello Breyner Andresen inclui uma glosa da história da Gata

Borrallheira, menos centrada na demanda erótica do que no jogo de valores éticos da protagonista, isto é, num juízo moral sobre a sua própria identidade. Que relação pode então existir entre o trabalho hermenêutico e literário de Sophia e de Cristina Campo, que fascínio partilhado pelos contos populares, pelo segredo surpreendido por trás de todos os encantamentos?

Pedro Lopes de Almeida

GEOGRAFIAS DE SOPHIA: PAISAGEM, VIAGEM E DESLOCAMENTO

A obra poética de Sophia de Mello Breyner desenvolve-se, como observou Eduardo Lourenço (“Para um Retrato de Sophia”, 1978), sob o signo da visão. De entre os universos imagéticos próprios do seu discurso, a construção da paisagem através do olhar ocupa um lugar central. Em Sophia, a paisagem atravessa categorias políticas e temporais, criando novos espaços de significado. A sua obra constitui uma reflexão demorada e profunda sobre a paisagem marítima, frequentemente associada ao Mediterrâneo, e quase sempre articulando sentidos possíveis para a viagem, o deslocamento, e a superação dos limites impostos pela geografia. Nesta comunicação procuro pensar os atravessamentos de fronteiras com a poesia de Sophia, em especial a partir de *Dia do Mar* (1947), *Geografia* (1967) e *Dual* (1972). Numa paisagem povoada de movimentos que podemos fazer recuar até Pausânias e o seu guia de viagem na Grécia escrito por volta do ano de 174, proponho uma revisitação da poética do lugar de Sophia enquanto arqueologia do sensível, na sua recuperação das dimensões sensoriais do atravessamento da paisagem marítima, através da sua persistente exploração do contato dos corpos com a orla, a espuma, as ondas, a praia, o horizonte líquido do Mediterrâneo. Se a sua é também uma ideia de mar que desafia a noção de fronteira, convidando-nos a uma reflexão sobre os atravessamentos desse espaço, sobrepondo topografias e temporalidades, é possível pensar o Mediterrâneo

hoje com Sophia? Que sentidos se abrem na sua poética sobre a experiência da viagem e do deslocamento? E como podem essas visões iluminar uma meditação acerca de migrações, travessias, assombros e chegadas às “cidades de pedra e cal”? Num itinerário de leitura pontuado por imagens, textos e cartografias, pretendo expandir estas e outras interrogações à luz da palavra poética de Sophia de Mello Breyner.

Perfecto Cuadrado

MÁRIO CESARINY LEITOR DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

No espólio de Mário Cesariny, que faz parte do acervo do Centro Português do Surrealismo (Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão), encontram-se três livros – dois de poesia e uma tradução do *Hamlet* – de Sophia de Mello Breyner Andresen, total ou parcialmente intervencionados por Mário Cesariny com correções, substituições de termos ou de versos, ampliações, comentários positivos (ou não), o resultado, enfim, de uma leitura particular, atenta, que acaba por se transformar numa apropriação seletiva e que é uma mostra de maneira de “ler” do autor da Titânia de que eu próprio fui testemunho e cúmplice alguma vez.

Silvina Rodrigues Lopes

BREVE, PRECISO, INDEFINIDO – O APELO

Considero que na composição de poemas de Sophia de Mello Breyner há uma conjugação de modos – o breve, o preciso e o indefinido – que se constitui como apelo através da idealização do concreto em insurgência contra o confuso e desolado. Assim, o apelo relança-se em recortes nítidos e variáveis, suspensos da leitura a haver.

Sofia Sousa Silva

PROJETO: DERIVAÇÕES E DERIVA

Termo recorrente nos livros publicados por Sophia de Mello Breyner Andresen no final dos anos 1960 e nos anos 1970, “projecto” condiz com uma obra marcada pela preocupação ética, e em que, como consequência, a poesia é por vezes chamada a se aproximar da política, como têm apontado diversos estudos. Há um desejo de construção de uma cidade humana “fiel à perfeição do universo” (cf. “A forma justa”, de *O Nome das Coisas*) que a poesia poderia concretizar ou ajudar a concretizar. Em obras posteriores, no entanto, a palavra “projecto” quase desaparece. Em *Navegações*, segundo livro publicado após o 25 de Abril, surge com maior frequência um outro termo: “deriva”. Esta palavra intitula uma seção do livro, que é, ele mesmo, uma homenagem à literatura. A comunicação pretenderá investigar as possíveis implicações desse caminhar de um projeto para uma deriva.



ORADORES

Notas Biográficas

II Colóquio
Internacional

**Sophia
de Mello
Breyner
Andresen**

ADÍLIA LOPES é poeta e tem uma vasta obra publicada. Licenciou-se em Literatura e Linguística Portuguesa e Francesa (1988) e especializou-se em Ciências Documentais (1995), na Faculdade de Letras de Lisboa, tendo colaborado nos espólios de Fernando Pessoa, Vitorino Nemésio e José Blanc de Portugal. Também trabalhou para teatro. Uma das suas principais influências literárias é Sophia de Mello Breyner Andresen.

ANA LUÍSA AMARAL é poeta e traduziu diferentes autores, como Emily Dickinson ou William Shakespeare. Os seus livros estão traduzidos em várias línguas. Obteve diversos prémios, entre os quais o Prémio Literário Correntes d'Escritas, o Grande Prémio de Poesia da APE, ou o Prémio PEN, de Ficção. É professora aposentada da Faculdade de Letras do Porto e membro da Direção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. As suas áreas de investigação são Poéticas Comparadas, Estudos Feministas e Teoria Queer.

ANNA M. KLOBUCKA é professora nos Departamentos de Português e de *Women's and Gender Studies* da Universidade de Massachusetts Dartmouth (EUA). É autora ou editora de vários livros, incluindo *O Formato Mulher: A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa* (Angelus Novus, 2009).

CARLOS MENDES DE SOUSA é professor na Universidade do Minho. Tem-se dedicado especialmente ao estudo da literatura brasileira e da poesia portuguesa moderna e contemporânea. Entre os seus trabalhos contam-se os livros *Clarice Lispector. Figuras da escrita*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2012 e *Clarice Lispector. Pinturas*, Rio de Janeiro, Rocco, 2013.

CLÁUDIA PAZOS-ALONSO é professora de *Portuguese and Gender Studies*, Universidade de Oxford, onde dirige o Mestrado interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher. Atual Vice-Presidente da AIL. Assinou introdução à tradução inglesa de *Contos Exemplares*.

EMÍLIA PINTO DE ALMEIDA é licenciada em Estudos Portugueses e mestre em Filosofia pela FCSH-UNL. Tendo beneficiado de uma bolsa da FCT, atualmente finaliza o doutoramento em História da Arte, sobre a obra de Mário Cesariny, na mesma instituição. Publicou pequenos ensaios, dispersos, sobre literatura e prefaciou os catálogos de algumas exposições.

EUCANÃ FERRAZ é poeta. Os seus livros de poemas foram reunidos em 2016 num único volume – *Poesia* – editado pela Casa da Moeda/Imprensa Nacional de Lisboa. Organizou a antologia *Coral e outros poemas*, de Sophia de Mello Breyner Andresen (Companhia da Letras, 2018). É professor

de Literatura Brasileira na UFRJ e consultor de literatura do Instituto Moreira Salles.

FÁTIMA FREITAS MORNA é doutorada em Literatura Portuguesa pela Universidade de Lisboa, em cuja Faculdade de Letras leciona e dirige cursos de Mestrado e Doutoramento em Estudos Portugueses e Românicos.

FEDERICO BERTOLAZZI, doutorado pela Universidade de Lisboa, é professor de Literatura portuguesa na Universidade de Roma Tor Vergata onde é também responsável científico da Cátedra Agustina Bessa-Luís. Entre as suas publicações destaca-se *Almadilha. Ensaios sobre Sophia de Mello Breyner Andresen* (Lisboa, 2019). Traduziu e organizou edições italianas de Luís de Camões, (*D'amor sì dolcemente. Cinquanta sonetti di Luís de Camões*, 2019); Maria Teresa Horta (*Mia Signora di Me*, 2018); Al Berto (*Orto di incendio*, 2017); Sophia de Mello Breyner Andresen (*Come un grido puro*, 2012); Eugénio de Andrade (*Dal mare o da altra stella*, 2006), entre outros.

FERNANDO CABRAL MARTINS é professor na Universidade Nova de Lisboa. Coordenou o *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, em 2008. Publicou ensaios variados sobre a literatura e o cinema em Portugal.

FERNANDO MARTINHO é professor aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se licenciou em Filologia Germânica e se doutorou em Literatura Portuguesa. Foi Leitor de Português nas Universidades de Bristol e Santa Barbara, Califórnia. Como ensaísta e investigador, tem-se dedicado especialmente ao estudo da Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. Autor de ensaios e poesia, tem colaboração dispersa por jornais e revistas nacionais e estrangeiros.

FILIPA SOARES, professora na Universidade Autónoma de Madrid (Espanha), é responsável do Centro de Língua Portuguesa do Instituto Camões de Madrid e Coordenadora de Ensino do Português no Estrangeiro para Espanha e Andorra.

FREDERICO LOURENÇO é professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde ensina Grego e Literatura Grega. Tem-se dedicado à tradução de autores clássicos (Homero e outros poetas gregos), assim como ao estudo e tradução do *Novo Testamento* grego e da *Septuaginta*. Publicou vários artigos sobre a obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen.

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS é licenciado e Mestre em Direito. Professor Universitário Convidado. Nos Governos de Portugal foi Secretário

de Estado da Administração Educativa (1995-1999), Ministro da Educação (1999-2000), Ministro da Presidência (2000-2002) e Ministro das Finanças (2001-2002). É Administrador Executivo da Fundação Calouste Gulbenkian e Presidente do Grande Conselho do Centro Nacional de Cultura.

HÉLDER MACEDO é professor catedrático emérito da Universidade de Londres, King's College, e *Research Fellow* da Universidade de Oxford. A sua vasta obra inclui poesia, ficção e crítica literária.

HELMUT SIEPMANN é professor (reformado) da Universidade Técnica (RWTH) de Aachen, especializado nas literaturas de língua espanhola, francesa e portuguesa. Publicou livros sobre a poesia francesa da Renascença e sobre a poesia moderna em Portugal, artigos sobre romance, teatro e poesia e uma história da literatura portuguesa. É presidente da Sociedade Alemã para os Países Africanos de Língua Portuguesa (DASP) e diretor do departamento português do Centro Mundo Lusófono na Universidade de Colónia.

JOANA MATOS FRIAS ensina na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e é investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Tem dedicado a atividade crítica a poetas portugueses e brasileiros. Em 2018, publicou *O Murmúrio das Imagens*.

JOÃO QUEIROZ vive e trabalha em Lisboa. Expondo individualmente desde 1986, uma seleção das suas exposições individuais inclui *Pintura*, Galeria Vera Cortês (Lisboa, 2017); *Encáusticas*, Appleton Square (Lisboa, 2015); *Stanca Luce*, Fundação Carmona e Costa (Lisboa, 2015); *ahnungslos*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (2014); *A noiva Dourada*, Vera Cortês Art Agency (Lisboa, 2013); *Afinal era uma borboleta* (Pavilhão Branco, Museu da Cidade, Lisboa, 2012), *A curva do rio* (Uma certa falta de coerência, Porto, 2011), *Silvæ* (Culturgest, Lisboa, 2010), Galeria Quadrado Azul (Porto, 2009), *Obras sobre papel* (Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, 2009), *Chiado 8 Arte Contemporânea* (Lisboa, 2007), Centro de Arte Moderna (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2006), *Artadentro* (Faro, 2004), *Le besoin du noble (modo menor, silvæ)* (Lisboa 20 Arte Contemporânea, 2003), *Liber Studiorum* (Sala Jorge Vieira, Lisboa, 2001), *Articulação e Pele*, Porta 33 (Funchal, 2000) e *O ecrã no peito*, Atelier-Museu Municipal António Duarte (Caldas da Rainha, 1999). Foi o vencedor do Prémio AICA 2011 e do Prémio EDP de desenho em 2000.

JORGE FERNANDES DA SILVEIRA é graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutorado em literatura portuguesa pela mesma instituição, e pós-doutorado em literatura de viagens na Brown University, onde foi professor visitante.

Como investigador, privilegia a relação entre literatura, cultura e história, particularmente no que se refere à épica clássica e à sua permanência no imaginário português moderno e contemporâneo. É autor de vários livros.

JOSÉ ANTÓNIO PINTO RIBEIRO foi Ministro da Cultura do XVII Governo Constitucional da República Portuguesa. Foi fundador e presidente da Direção do Fórum Justiça e Liberdades. É membro do Conselho Superior do Ministério Público. Tem realizado diversas conferências nacionais e internacionais e participado em diversos debates.

JOSÉ MANUEL DOS SANTOS, escritor, curador, programador e gestor cultural, é atualmente administrador e diretor cultural da Fundação EDP e diretor da revista *Electra*. É também administrador da Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva e Diretor da Trienal de Arquitectura de Lisboa. De 1986 a 2006, foi assessor cultural do Presidente da República, nos mandatos de Mário Soares e Jorge Sampaio. É autor de muitos textos sobre literatura, arte e política. Lançou a ideia de se conceder Honras de Panteão Nacional a Sophia de Mello Breyner Andresen e foi o orador dessa cerimónia.

JOSÉ PEDRO SERRA é professor catedrático no Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade

de Letras da Universidade de Lisboa. Autor de vários artigos e conferências na área da cultura, da literatura e da filosofia, em 2006, publicou *Pensar o Trágico* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian), obra a que foi atribuído o prémio do Pen Club 2007, na categoria de Ensaio. Recebeu o prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Portuguesa dos Críticos Literários. Foi sub-diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é atualmente o Diretor da Biblioteca da mesma instituição. Coordena a linha de investigação sobre Matrizes Clássicas e Cultura Europeia.

MARIA ANDRESEN DE SOUSA TAVARES é professora Aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem publicado, em livro e em revistas especializadas, estudos críticos sobre vários autores, portugueses e estrangeiros e sobre questões de poética nomeadamente, relações entre poesia e artes plásticas, poesia e pintura, poesia e cinema. Com o nome literário *Maria Andresen* publicou três livros de poesia (*Relógio D'Água*), assim como poemas dispersos em diversas revistas e publicações especializadas. Está representada em antologias de poesia portuguesa em diversos países e em diversas antologias temáticas. Tem integrado delegações de poetas portugueses em encontros internacionais. Tem trabalhado em traduções de poesia.

Nos últimos anos tem-se dedicado ao estudo e classificação do espólio de Sophia, assim como à revisão, edição e reedição das obras desta autora. Foi autora e é coordenadora do sítio web “Sophia de Mello Breyner Andresen”, integrado no Portal da Biblioteca Nacional de Portugal. Criou, com o CNC, a Comissão para o Centenário de Sophia de Mello Breyner Andresen.

MARIA FILOMENA MOLDER é professora Catedrática em Estética pela Universidade Nova de Lisboa. Investigadora do Instituto de Filosofia da Linguagem da UNL.

Últimas publicações: *O Químico e o Alquimista. Benjamin leitor de Baudelaire*, Lisboa, 2011. Prémio Pen Clube 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Lisboa, 2014. *Depósitos de Pó e Folha de Ouro*, São Paulo, 2016. *Rebuçados Venezianos*, Lisboa, 2016. Prémio AICA 2017. *Cerimónias*, Belo Horizonte, 2017. *Dia Alegre, Dia Pensante, Dias Fatais*, Lisboa, 2017. Prémio Pen-Club 2018 para Ensaio.

MARIA LÚCIA DAL FARRA é professora Titular de Literatura Portuguesa na Universidade Federal Sergipe (ex-Pró-Reitora de Pós-Grad/Pesq) e pesquisadora (CNPq). Ex-professora da USP, UNICAMP e Berkeley (UC). Autora de mais de uma centena de ensaios (Vergílio Ferreira, Herberto Helder, Florbela Espanca, etc.), e de livros de poemas (Prémio Jabuti 2012).

PAULA MORÃO é professora catedrática da Faculdade de Letras de Lisboa. Entre 2007 e 2009 exerceu as funções de Diretora-Geral do Livro e das Bibliotecas (Ministério da Cultura). É Diretora do ICLP (Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, FLUL). Co-autora, com Teresa Amado, de *Sophia de Mello Breyner Andresen – Uma vida de poeta*, 2010.

PAOLA POMA é professora de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo. Doutorou-se com a tese intitulada “Fernando Pessoa: de autor à personagem”. Fez pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa. Publicou diversos ensaios sobre poetas portugueses modernos e contemporâneos, entre eles Sophia de Mello Breyner Andresen, Herberto Helder, Manuel António Pina, Nuno Judice e Adília Lopes. Atualmente organiza um livro intitulado *Singular/ Plural Sophia de Mello Breyner Andresen*, para a editora 7 Letras.

PEDRO EIRAS é professor de Literatura Portuguesa na Universidade do Porto e Investigador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Desde 2005, publicou diversos livros de ensaios sobre literatura dos séculos XX e XXI, estudos interartísticos, questões de ética. Presentemente, desenvolve pesquisas sobre o imaginário do fim do mundo.

PEDRO LOPES DE ALMEIDA é aluno do programa de doutoramento e *Teaching Assistant* na Brown University (EUA). O seu projeto de investigação atual concentra-se na literatura escrita por viajantes estrangeiros em Portugal, Brasil e Angola no final do século XIX e começo do século XX. Ensinou na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara (2013-2015). Tem vários artigos publicados no âmbito das literaturas portuguesa e brasileira. É autor de uma dissertação de Mestrado (Universidade do Porto) em Teoria da Literatura.

PERFECTO CUADRADO é catedrático de Filologias Galega e Portuguesa (U.I.B.). Coordenador do “Centro Português do Surrealismo”. Diretor da Cátedra “Mário Cesariny”. Investigador, crítico e tradutor (Prémio de tradução “Giovanni Pontiero”). Prémio Luso-Espanhol de Arte e Cultura (2008). Prémio Pró-Arte 2013 da S. P. A.

RICHARD ZENITH é investigador, ensaísta e organizador de numerosas edições de Fernando Pessoa. É também conhecido como tradutor – de Camões, de Pessoa e de Sophia de Mello Breyner Andresen, entre outros.

ROSA MARIA MARTELO é professora de Literatura Portuguesa e Estudos Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Como ensaísta tem privilegiado o estudo das poéticas modernas e contemporâneas e das relações intermediais da poesia.

SILVINA RODRIGUES LOPES é professora catedrática na FCSH-UNL, onde ensina Literatura. Publicou, entre outros, os seguintes livros: *Aprendizagem do Incerto; Literatura Defesa do Atrito; A Anomalia Poética; Teoria da Desposseção.*

SOFIA SOUSA SILVA leciona na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e é colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto. Em 2016, publicou *Fernando Pessoa: para descobrir, conhecer e amar.*

II Colóquio Internacional **Sophia de Mello Breyner Andresen**



Comissão Organizadora do Colóquio

Fátima Freitas Morna | Federico Bertolazzi
Fernando Cabral Martins | Maria Andresen Sousa Tavares

Fotografia de capa

Fernando Lemos

Design

[B2 Design] Jose Brandão | Alexandra Viola

Tipografia

Jorge Fernandes, Lda. Artes Gráficas

Tiragem

600 exemplares

Distribuição gratuita, maio 2019

Colaboração



Apoio



